

A SEMIFORMAÇÃO COMO FORMA DOMINANTE DA CONSCIÊNCIA CONTEMPORÂNEA: REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO

THE SEMIFORMATION AS A DOMINANT FORM OF CONTEMPORARY CONSCIOUSNESS: REFLECTIONS ON THE IMPORTANCE OF EDUCATION

André Plez Silva¹
Milena Moretto²

O Sobrevivente

“Impossível compor um poema a essa altura da
evolução da humanidade.
Impossível escrever um poema – uma linha que
seja – de verdadeira poesia.
O último trovador morreu em 1914.
Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.
Há máquinas terrivelmente complicadas para as
necessidades mais simples.
Se quer fumar um charuto aperte um botão.
Paletós abotoam-se por eletricidade.
Amor se faz pelo sem-fio.
Não precisa estômago para digestão.
Um sábio declarou a O Jornal que ainda falta
muito para atingirmos um nível razoável de
cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.
Os homens não melhoram
e matam-se como percevejos.
Os percevejos heróicos renascem.
Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.
E se os olhos reaprendessem a chorar seria um
segundo dilúvio.
(Desconfio que escrevi um poema.)”

[Carlos Drummond de Andrade]

RESUMO

A partir de uma decifração crítica da realidade presente, que busca desvendar o que já foi realizado e o que se está realizando, buscaremos focar nesta breve análise, algumas perspectivas da Teoria Crítica de Theodor Adorno e Max Horkheimer (1973, 1985, 1993, 1995, 1996, 2002, 2018), dando especial atenção às dimensões da semiformação e da

¹ Universidade São Francisco. Itatiba, Brasil. andreplez@gmail.com

² Universidade São Francisco. Itatiba, Brasil. milena.moretto@usf.edu.br

indústria cultural. Para tal, travaremos um diálogo com Engels (1876), Foucault (2009) e Saviani (2012); além dos pesquisadores Maar (2003), Pucci (1997) e Zuin (2014). Tais vertentes teóricas se mostram importantes, pois buscam compreender como se processam os mecanismos de controle em uma sociedade, cujas produções culturais mediatizam a semiformação. Em um cenário de tecnologias virtuais, onde as ações são padronizadas pelo excesso de estímulos audiovisuais e pelos hiperlinks, como forma de retificar o controle através da distração concentrada, cabe à educação buscar uma forma de mediar tais arroubos. Por isso, tendo em vista o atual contexto histórico, cuja relação entre trabalho, tecnologia, cultura digital e as relações entre os indivíduos, se veem cada vez mais colapsadas por uma cultura do excesso, buscaremos verificar como tais relações se materializam no contexto social, culminando no papel transformador da educação.

Palavras-chave: semiformação; indústria cultural; educação; distração concentrada.

ABSTRACT

From a critical decipherment of the present reality, which seeks to unveil what has already been accomplished and what is being done, we will focus on this brief analysis, some perspectives of Theodor Adorno and Max Horkheimer's Critical Theory (1973, 1985, 1993, 1995, 1996, 2002, 2018), paying particular attention to the dimensions of semiformation and the cultural industry. To this end, we will engage in dialogue with Engels (1876), Foucault (2009) and Saviani (2012); besides the researchers Maar (2003), Pucci (1997) and Zuin (2014). These theoretical aspects are important because they seek to understand how the mechanisms of control in a society are processed, whose cultural productions mediate the semiformation. In a scenario of virtual technologies, where actions are standardized by excessive audiovisual stimuli and hyperlinks, as a way to rectify control through concentrated distraction, it is up to education to find a way to mediate such raptures. Therefore, in view of the current historical context, whose relationship between work, technology, digital culture and relations between individuals, are increasingly collapsed by a culture of excess, we will seek to verify how such relationships materialize in the social context, culminating in the transformative role of education.

Keywords: semiformation; cultural industry; education; concentrated distraction.

Os meios de produção e sua face involutiva

Iniciemos, pois, a partir das reflexões de Engels (1876) sobre o trabalho na formação do indivíduo, contudo, demorou centenas de milhares de anos para que a sociedade humana surgisse “daquelas manadas de macacos que trepavam pelas árvores” (ENGELS, 1876, p. 13). Assim, desde os primórdios da humanidade, ferramentas foram utilizadas pelo homem, como forma de transformar a natureza e, a partir disso, iniciar suas tentativas no sentido de dominá-

la. A “mão” do homem, a partir das reflexões de Engels, nos mostra que foi o primeiro passo para organização do trabalho, tendo sido aperfeiçoada durante centenas de milhares de anos por tal prática na tentativa de dominação da natureza. “A mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele” (p. 7).

Com o advento de diferentes progressos, o homem passou a refinar as possibilidades de interação com os objetos do mundo, a tal ponto que começou a articular diversas potencialidades, sendo a linguagem a mais importante delas. Sob a influência do cérebro, passou-se a desenvolver os órgãos dos sentidos. Assim, “o desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, a crescente clareza de consciência, a capacidade de abstração e de discernimento cada vez maiores, reagiram por sua vez sobre o trabalho e a palavra, estimulando mais e mais o seu desenvolvimento”. (ENGELS, 1876, p. 12-13)

Com o progresso de suas acepções, o homem evoluiu a partir da interação com o ambiente que o cerca, mudando sua alimentação e elaborando instrumentos para aperfeiçoar sistemas de caças e de pesca, fazendo assim com que se estabelecesse em um determinado local, assegurando o domínio cada vez maior sobre a natureza, haja vista neste sentido a agricultura e o domínio sobre outros animais, que agiam a seu favor. Formas refinadas de lidar com a natureza, tal como o manejo com os metais e a madeira, culminaram com o advento da olaria e da navegação, aqui ilustrados como exemplos da evolução das tribos para as cidades, para as nações e os Estados. Neste cenário surgiram também o direito e a política e, no campo do fantástico, a religião.

Contudo, a mão que tanto favoreceu na evolução do homem, no sentido de manejar e realizar trabalhos refinados, tornou-se um modelo secundário em determinado momento do desenvolvimento da sociedade, uma vez que “a cabeça que planejava o trabalho já era capaz de obrigar mãos alheias a realizar o trabalho projetado por ela” (ENGELS, 1876, p. 18). Com isso, inaugura-se o progresso, sendo este associado à “cabeça que pensa”, ou seja, o homem passou a explicar seus atos pelos seus pensamentos, nascendo também os elementos de controle e de dominação.

Como crítica a esse sistema, Engels nos diz que “essa mesma influência idealista lhes impede de ver o papel desempenhado pelo trabalho” (ENGELS, 1876, p. 19), ou seja, o trabalho dito braçal, que elevou o homem diante das outras criaturas da Terra, foi sucintamente rebaixado, como forma de elevar pequenos grupos em detrimento de muitos outros, para que usufríssem da mão de obra como forma de dominação. Por isso o homem, que dominou a natureza como forma de obriga-la a servi-lo, passa também a dominar outros

homens com o mesmo objetivo, valendo-se da força de trabalho do outro como forma de soerguer-se socialmente.

Ao pensarmos nas consequências sociais dos grandes progressos alcançados pelo homem, mesmo que sucintamente, podemos analisar que os atos de produção trouxeram uma compreensão cada vez maior sobre a natureza, porém, ao dominá-la cada vez mais, passou a gerir consequências drásticas para todo o planeta, tal como as mudanças climáticas, ou ainda o extermínio de culturas e biodiversidade, haja vista o processo de colonização, a escravidão, ou ainda, o holocausto.

Haveria então, no mundo, por conta das diversas tecnologias que afloraram, além da concentração da propriedade privada na mão de poucos, uma maior concentração de riqueza nas mãos de uma minoria, privando a maior parte da população do acesso à riqueza que ela própria produzia. Tal domínio social e político, concede à burguesia o domínio e o controle sobre os meios de produção, culminando em uma luta de classes, onde o proletariado só poderia se libertar da opressão caso lutasse contra a burguesia, num processo de revolução.

Com o advento da sociedade capitalista, cuja primazia se dá pela obtenção de lucros, a ciência social da burguesia só se preocupa em atingir seus objetivos imediatos, alcançados com a produção e com a troca, refutando as consequências naturais e sociais dos seus meios de produção, ou seja, os atos realizados pelos homens que trabalham estão a mercê daqueles que os obrigam a trabalhar. Absurdamente o trabalho, cuja força motriz elevou o homem à sua condição de humanidade, delegou a uma minoria que não trabalha a concentração da riqueza, que é produzida por aqueles que trabalham. Contradição típica de uma evolução involutiva, típica de um processo de semiformação.

No verbete 147, intitulado “Novissimum Organum”, do *Mínima Moralia*, Adorno nos permite uma reflexão sobre a constituição do indivíduo, no caso, do trabalhador, no âmbito da sociedade capitalista, em seu frágil processo de formação.

Já há muito se demonstrou que o trabalho assalariado conformou as massas modernas, mais, que produziu o próprio trabalhador. Em geral o indivíduo não é só o substrato biológico mas, ao mesmo tempo, a forma reflexa do processo social, e a sua consciência de si mesmo como indivíduo existente em si é a aparência de que tal processo necessita para aumentar a capacidade de produção, ao passo que o individualizado tem na economia moderna a função de mero agente da lei do valor. (ADORNO, 1993, p. 222)

Percebemos, portanto, que o trabalho nos moldes do capitalismo tardio, acaba por promover uma cisão na formação dialética, pois a transformação da técnica em força produtiva, relacionada à mera produção, revela seu caráter subserviente. Ao ter como foco de formação apenas a força produtiva, o indivíduo acaba por deteriorar a formação da sua própria subjetividade. O proletário, assim, tolhido de sua autonomia, acaba por se coisificar, pois se aproxima muito mais do objeto que o fetichiza. Tal processo, acaba por reverter os indivíduos em meras padronizações. Para reforçar tal ideia, carecemos de uma extensa citação.

O processo de mecanização e burocratização exige de quem se encontra submetido a ele um novo tipo de ajustamento. Para enfrentar quaisquer exigências que surgem em qualquer setor da vida, é preciso que, em certa medida, os próprios indivíduos se mecanizem e padronizem. Quanto mais enfraquece a relação entre o destino de uma pessoa e o seu juízo autônomo, quanto mais se limita a possibilidade de optar pela realização de outra coisa que não seja a inclusão em organismos e instituições onipotentes, tanto melhores são as condições daqueles indivíduos que mais rapidamente abdicaram de suas opiniões pessoais e de sua própria experiência, e que concebem o mundo da forma que melhor convém à organização que decide o seu porvir. (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p.181).

A indústria cultural e o processo de semiformação

“Quem come do fruto do conhecimento é expulso de algum paraíso”
[Melanie KLEIN]

O conceito de indústria cultural foi criado por Theodor Adorno e Max Horkheimer em 1940, na obra *Dialética do esclarecimento* (1985). Acreditamos que tais críticas foram fomentadas pelo fato de Adorno e Horkheimer estarem vivendo nos Estados Unidos durante o exílio, compreendendo tal sociedade como a representação do apogeu capitalista, além disso, os horrores de Auschwitz, corroboraram para elucidar tais ditames. Por isso, interligando o que até agora dialogamos ao conceito de indústria cultural, percebemos que a “mistificação

das massas” cria uma ilusão que visa enganar os indivíduos, mostrando a cultura como uma mercadoria qualquer. Para Bárbara Freitag (1987), os aspectos da industrialização da cultura podem gerar os seguintes aportes: a) a cultura foi transformada em mera mercadoria e todo seu valor crítico perde o significado; b) por não incitar à crítica, os produtos massificados mascaram a realidade sujeitando os consumidores aos interesses restritos do capital; c) a produção aperfeiçoada, reproduz a cultura eliminando seu caráter genuíno.

Antônio Zuin (2014) destaca em seu artigo que a consolidação da indústria cultural levou a produção e disseminação em massa dos bens culturais, fato que trouxe consequências desastrosas a esfera subjetiva, o que podemos classificar como semiformação.

O processo de cultura, visto de forma massificada e banalizada, aproxima-se dos interesses restritos do mercado, corroborando para converter a cultura em mera mercadoria, constituindo o processo de semiformação, que seria a desarticulação das condições subjetivas que possibilitam a emancipação do sujeito. Em outros termos, a semiformação tolhe a formação crítica do sujeito, conquistando o “espírito pela lógica do fetiche da mercadoria cultural” (ZUIN, 2014, p. 245).

A velocidade com que as mercadorias culturais são compostas e repassadas, agravam a capacidade de raciocínio crítico, o que colabora com a semiformação, uma vez que não há tempo para a maturação do pensamento, levando ao consumo imediato e irrefletido de bens culturais. Tal relação, acaba por prejudicar a memória, o tempo, ou seja, negligencia o desenvolvimento da própria subjetividade, por não permitir tempo para desenvolver a síntese e a experiência, tornando-se vazios no nascedouro.

Temos na epígrafe inicial deste subcapítulo, uma citação da psicanalista Melanie Klein (1986), que destaca uma de suas premissas essenciais, cuja ideia central recai no fato de que pensar não serve apenas à função de adquirir conhecimento, mas de buscar um amadurecimento emocional a partir da libertação de uma falsa segurança, que é transmitida como um embuste firmado por idealizações superficiais, ou seja, por um descompromisso afetivo com o seu próprio desenvolvimento.

Tais paraísos idealizados, metaforicamente ornados com a mitologia judaico-cristã propagada no Antigo Testamento, revela a figura de um casal mítico que era feliz por ser, oportunamente, ignorante, vivendo em total sintonia com um paraíso repleto de regras subservientes. Assim que burlaram a falsa segurança, adquirindo “conhecimento”, foram expulsos de tal paraíso, vendo-se nus e desprotegidos.

Contudo, na sociedade contemporânea, o ato de adquirir conhecimento, tacitamente colaborou para que o processo de semiformação fosse agravado, mostrando um fenômeno inverso ao mito de Adão e Eva. Na atualidade, os indivíduos, ao invés de serem expulsos de um paraíso por adquirirem o saber, são atraídos para tal, usando os “conhecimentos” de um mundo regido por um sistema capitalista e que explora, através da ilusão dos produtos culturais, uma falsa sensação de proteção, felicidade e significação, adulterados pelas imagens e formas culturais que, ao projetar a falsa ideia de paraíso, reproduz a vida sob o monopólio da indústria cultural.

A indústria cultural fornece como paraíso a mesma vida cotidiana. Escape e elopement são determinados, a priori, como os meios de recondução ao ponto de partida. O divertimento promove a resignação que nele procura se esquecer. (ADORNO; HORKHEIMER, 2002, p. 190)

Tal divertimento, em uma “sociedade dominada pelo princípio da troca” (MAAR, 2003, p. 2), revela apenas que a vida cotidiana foi suplantada pela desumanização projetada pelo sistema capitalista, uma vez que assevera que o tempo livre, imprescindível para a formação, não mais existe. O ócio, que segundo Aristóteles (1993), era destinado apenas para os homens livres, que desobrigados da servidão do trabalho, podia dedicar-se a uma vida virtuosa, com base no ócio e na contemplação, ou seja, o homem não-escravo, tinha tempo livre para se dedicar às coisas do espírito.

Todavia, apesar da luta dos trabalhadores para adquirirem tempo livre, que adveio a partir de revoluções e reformas, o modo de produção capitalista acabou por massificar o trabalho, delegando às revoluções industriais a condição de expansão e hegemonia do processo produtivo. Ao conquistar o tempo livre, que logo foi substituído pelo “lixo dos produtos culturais”, percebemos que “além de extrair o fundamental para a formação, o tempo livre, outras condições decisivas foram sonegadas aos trabalhadores: a tradição pré-burguesa e seus valores formativos” (MAAR, 2003, p. 2).

Portanto, segundo Adorno (2005, p. 9 – grifos nossos), “a perda da tradição, como efeito do desencantamento do mundo, resultou num estado de carência de imagens e formas, em uma devastação do espírito que se apressa em ser apenas um meio, o que é, de antemão, incompatível com a formação”. Ora, as imagens e formas culturais, segundo Maar (2003), foram substituídas pelas imagens dos artistas de cinema, além de canções de sucesso, cujas

belezas e letras padronizadas, mostravam um encantamento calculado. Em consequência, percebemos que tais formatos, insidiosamente ornamentados, serve como um falso consolo a falta de tempo para cuidar de si, ou seja, para desenvolver a formação cultural.

É-nos apresentado, no artigo de Pucci (2004), dois danos irreparáveis à formação cultural, que iremos sintetizar. O primeiro, seria a perda da autoridade, ou seja, o rompimento com a figura de autoridade do pai, que levou ao enfraquecimento do ego, que se desenvolve, dessa forma, como uma fácil presa para o sistema. O segundo, seria o desaparecimento da filosofia dos currículos escolares, sendo esta o princípio da formação cultural, ou seja, com o seu cerceamento, elevou a filosofia especulativa a uma condição de divagação, como algo superficial e mesmo inútil. Tais danos, portanto, reforçam a falta de espontaneidade e a cisão do espírito crítico.

Assim como disse Borges³, que toda invenção humana serve como uma extensão de seu corpo, as novas tecnologias acabaram por se instalar na sociedade contemporânea, como forma de revolucionar as relações e práticas sociais, corroborando assim, para prejudicar a formação crítica. A partir dos anos 70 do século XX, o mundo passou por novas revoluções, tais como a eletrônica, a biotecnológica, das comunicações. Dessa forma, grande parte da sociedade percebe a tecnologia como um fim em si mesma.

(...) a atual atitude para com a tecnologia contém algo de irracional, patológico, exagerado. Isso está relacionado com o “véu tecnológico”. As pessoas tendem a considerar a tecnologia como algo em si, como fim em si mesmo, como uma força com vida própria, esquecendo-se, porém, que se trata do braço prolongado do homem (ADORNO, 1995, p. 42).

Desta forma, a revolução tecnológica acabou por tomar um lugar central na esfera do humano, alterando drasticamente a maneira como as relações sociais se manifestam em todos os âmbitos. Assim, “a informação passou a ser a medida de todas as coisas e a mercadoria por excelência do capital global” (PUCCI, 2004, p. 4).

³“Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso, sem dúvida, é o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista; o telefone é extensão da voz; depois temos o arado e a espada, extensões de seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação. “O livro”, em Borges Oral & Sete Noites, de Jorge Luis Borges.

Em tempos de *deus ex machina*⁴, a comunicação de massas acaba por atrelar-se a todas as esferas, criando assim uma “fusão entre ser humano e máquina” (ZUIN, 2014, p. 242), permitindo que bilhões de pessoas se interconectem por todo o planeta, produzindo e disseminando informações que facilmente podem ser acessadas, tendo em vista a praticidade de notebooks, smartphones, tablets, etc.

Por isso, segundo Pucci, “a semiformação, ao invés de instigar as pessoas a desenvolverem plenamente suas potencialidades, e assim colaborarem efetivamente na transformação social, propicia um verniz formativo que não dá condições de se ir além da superfície”. (PUCCI, 1997, p. 3).

Tal superfície, podendo ser compreendida no contexto da semiformação, impede que o indivíduo se emancipe, pois está atrelado ao capitalismo tardio, fato que o aproxima da produção simbólica do seu tempo, ou seja, da cultura na qual está inserido, apenas como uma mercadoria padronizada pela indústria cultural, que o leva a se distanciar de uma formação crítica. Somente com uma autorreflexão crítica, levando em conta a própria semiformação, seria possível revertê-la. Porém, a instituição escola, que deveria colaborar para que tais métodos emancipatórios fossem aplicados, acaba por ser reprodutora das desigualdades sociais, fato que apenas legitima a semiformação.

A cultura do excesso: o papel da educação diante de um panóptico atemporal

A partir das reflexões de Zuin (2014), o imediatismo no acesso a informações, acaba por assumir um papel de verdade absoluta dentro das esferas do real, mesmo que sejam permeadas pelo virtual. “Em tempos nos quais tudo pode ser lembrado por meio do clicar de um mouse, poder-se-ia afirmar que a semiformação (...) pode ser identificada como destruição da memória” (p. 246).

⁴ Um deus por meio de uma máquina. Expediente da tragédia grega (e romana) para solucionar casos complicados, o qual fazia de súbito aparecer um deus para explicar como se devia proceder naquele embaraço. Emprega-se a locução para designar um fim forçado: Quando o autor não sabe resolver a situação que criou, interpõe um *deus ex machina*. Disponível em: <<https://www.dicionariodelatim.com.br/deus-ex-machina/>> Acesso em: 05 jun. 2018.

Com isso, voltamos a pensar sobre a influência da Indústria Cultural, desta vez articulada na disseminação e produção de informações, pois diante de uma sociedade tecnológica, facilmente tem-se acesso a diferentes aparatos culturais, porém, “os indivíduos viciam-se por meio do consumo de estímulos audiovisuais, propagados pelas telas que se tornam onipresentes em todas as relações sociais” (ZUIN, 2014, p. 248).

Dessa forma, vemos que o excesso de aparatos tecnológicos, bem como o amálgama de informações facilmente por eles transmitidos e incorporados, acaba por nos acossar em nossa própria experiência com os objetos por nós criados. Conforme Pucci (2004, p. 8), “somos controlados nos ambientes sociais pelos objetivos tecnológicos por nós mesmos construídos”.

Por isso, chegamos a um modelo que Zuin (2013, p. 246) chama de “conotação metafísica universal: elas (as imagens) como que bastam em si e por si. Seu caráter imediato lhes provê a condição de verdade irreduzível”. Assim, aquilo que é vinculado em um cenário virtual, como por exemplo os comentários de internautas em determinada publicação, passa de uma possibilidade de representar a realidade, para a própria realidade.

Assim sendo, para Zuin (2013), o modelo do panóptico, articulado por Bentham e reiterado por Foucault, acaba por ressignificar a maneira como as informações e imagens circulam pela internet, podendo ser recuperadas em qualquer lugar. Tal rapidez em recuperar uma informação, leva a ações como o julgar, o vigiar e o punir. Foucault diz que “o panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens” (FOUCAULT, 2008, p. 169).

Mas o Panóptico não deve ser compreendido como um edifício onírico: é o diagrama de um mecanismo de poder levado à sua forma ideal; seu funcionamento, abstraindo-se de qualquer obstáculo, resistência ou desgaste, pode ser bem representado como puro sistema arquitetural e óptico: é na realidade uma figura de tecnologia política que se pode e se deve destacar de qualquer uso específico. (FOUCAULT, 2009, p. 194)

Diante de tal arroubo, percebemos a poderosa influência que as novas tecnologias exercem sobre as relações sociais, desta vez permeadas por este “Olho da Providência⁵”, que, originalmente, surge como um símbolo exibindo um olho cercado por raios de luz ou em glória, muitas vezes dentro ou em cima de um triângulo ou de uma pirâmide. Costuma ser interpretado como a representação do olho de Deus observando a humanidade. Contudo, diante do nosso cenário em que “a aceleração da aceleração tecnológica e a articulação do desenvolvimento tecnocientífico com o capital global, aumentaram assustadoramente a presença e o poder (...) no interior da sociedade” (PUCCI, 2004, p. 8). Além disso, livre dos caracteres divinos e místicos, as novas formas de controle e de observação, perpassam o mero discurso articulado pelas religiões, pois instaura-se em todos os âmbitos, prevendo, registrando e propagando as ações dos homens, bem como tudo o que é produzido.

No que tange ao capitalismo tardio, percebemos que a cultura religiosa foi tomada pela cultura de massa, aqui identificada como indústria cultural, em seu rompante fremente em criar produtos fabricados genericamente, acaba por criar estereótipos embelezados que funcionam como modelo para a própria formação do indivíduo. A indústria cultural, principalmente no que podemos chamar de cultura digital, acaba por instaurar um processo que Zuin (2013, p. 248) chama de “digitalização das relações culturais que se consolida e se espalha (...) como distração concentrada”.

Com o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação, em especial a internet com seu ciberespaço, novas formas de relação e de formação foram desenvolvidas, ao que Zuin (2013) nos chama a atenção para o acesso a diferentes informações, e que tal excesso, por assim dizer, acaba por nos retirar a capacidade de atenção, pois os novos links, ou o que podemos chamar de hiperlink, se mostra como uma cadeia ininterrupta de acessos, onde um determinado site nos remete a infindáveis outros caminhos, cuja escolha acaba sendo direcionada, por conta da distração concentrada. No universo do hiperlink, sendo este fundante do que convencionamos compreender como a própria internet, ou a web 2.0, temos a Wikipédia como um formato que utiliza-se do padrão hipertextual, ou seja, construiu-se como uma enciclopédia em ambiente virtual e fomentada, construída, pelos próprios internautas.

A cultura digital, como sintomática, se mostra na maneira “como o conhecimento é produzido e reproduzido na era da chamada cultura digital” (ZUIN, 2013, p. 248). Assim,

⁵ Disponível em: <<https://bibliot3ca.com/o-olho-da-providencia-no-simbolismo-maconico/>> Acesso em: 12 jun. 2018.

podemos dizer que “os indivíduos viciam-se por meio do consumo de estímulos audiovisuais, propagados pelas telas que se tornam onipresentes em todas as relações sociais” (ZUIN, 2013, p. 248). O vício digital, longe de colaborar com a formação do indivíduo, acaba por confundir as esferas do trabalho e do tempo livre.

A vida, modelada até suas últimas ramificações pelo princípio da equivalência, se esgota na reprodução de si mesma, na reiteração do sistema, e suas exigências se descarregam sobre os indivíduos tão dura e despoticamente, que cada um deles não pode se manter firme contra elas como condutor de sua vida própria, nem incorporá-las como algo específico da condição humana. Daí que a existência desconsolada, a alma, que não atingiu seu direito divino na vida, tenha necessidade de substituir as perdidas imagens e formas através da semiformação (ADORNO, 1996, p. 10).

A negação da autonomia, diante do cenário da semiformação, reforçada pelas ferramentas de controle como o panóptico atemporal reconfigurado pelas mídias culturais, acaba por disciplinar o ser, e nas relações entre professor e aluno, instaura novas relações de poder, pois, o “que anteriormente alicerçavam as bases do currículo oculto, hoje são expostas em escala global” (ZUIN, 2013, p. 253). Em tempos de câmeras registrando e divulgando as nossas ações, de computadores fazendo parte das salas de aula, o trabalho do professor deve ser arduamente repensado, ressignificado, pois perdura em seu papel como formador, uma responsividade que está além das meras instruções didáticas.

Sendo o trabalho a essência do homem, podemos concluir que a condição humana não é de balde entregue ao homem sob uma condição mágica ou natural, mas antes, se forma e se constrói na existência. Por isso, toda ação do homem que podemos relacionar ao trabalho, forma a sua condição, sob um viés histórico. Por isso, com Saviani, percebemos que “o homem não nasce homem. Ele se forma homem. (...) Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência” (SAVIANI, 2015, p. 34).

Para que aconteça, portanto, a prática social como ponto de partida da educação, devemos perceber a escola como a forma principal e dominante da educação. Por esse motivo, a pedagogia histórico-crítica visa assumir seu papel dentro de um fazer pedagógico que construa questões ligadas à prática social, em seu sentido de problematização, utilizando os procedimentos teóricos e práticos para a sua compreensão e solução (instrumentalização),

bem como “viabilizar sua incorporação como elementos integrantes da própria vida dos alunos (catarse)” (SAVIANI, 2015, p. 35).

Portanto, diante de um cenário social conflituoso, em que o trabalho se mostra como ferramenta para perpetuar no poder os opressores; em que a cultura explorada como mercadoria, revela-se como forma de neutralizar a subjetividade e o pensamento crítico; em que o uso das novas tecnologias digitais, torna-se uma ferramenta para reforçar a semiformação; Adorno e Horkheimer (1985) nos mostram a educação como a única responsável pela emancipação do indivíduo, pois busca sua libertação das condições de opressão e de dominação. Para isso, é preciso que “a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência” (ADORNO, 1995, p. 181 – grifos nossos).

Referências

ADORNO, Theodor. (1965-1966) Educação após Auschwitz. In: **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1995

ADORNO, Theodor. **Minima Moralia**: Reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Ática, 1993.

ADORNO, Theodor. Teoria da semicultura. In: **Revista Educação e Sociedade** (impresa). Campinas: Unicamp, n. 56, p. 388:411. Disponível em: <http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/191_.pdf> Acesso em: 10 jun. 2018.

ADORNO, Theodor. **Teoria da Semicultura**. In: Educação e Sociedade. Campinas: Papius, 1996.

ADORNO; Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento** – Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

ADORNO; Theodor; HORKHEIMER, Max. **Temas básicos de sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973.

ADORNO; Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARISTÓTELES. "Ética a Nicômaco". In: **Os Pensadores**, Vol. IV. São Paulo: Abril Cultural, 1993.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Edição Ridendo Castigat Mores, 1876, p. 1-33 Disponível: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/macaco.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2018.

FREITAG, Bárbara. **Política educacional e indústria cultural**. São Paulo: Editora Cortez, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2009.

KLEIN, Melanie; HEIMANN, Paula; ISAACS, Susan; RIVIERE, Joan. **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MAAR, Wolfgang Leo. **Adorno, Semiformação e Educação**. In: Revista Educação e Sociedade. V. 4, n.83. Campinas, agosto de 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n83/a08v2483>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista–Porto Alegre: L&PM, 2001.

PUCCI, Bruno.; ZUIN, Antônio Soares; OLIVEIRA, Newton Ramos. **Filosofia negativa e Educação**: Adorno. Filosofia, sociedade e educação, UNESP - Marília, v. 1, n. 1, p. 163-192, 1997.

SAVIANI, Demerval. Marxismo, Educação e Pedagogia. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (orgs.) **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012.

PUCCI, Bruno. **A escola e a semiformação mediada pelas novas tecnologias**, Piracicaba: PPGE/UNIMEP, 2004. (publicação interna). Disponível em:
<<http://www.unimep.br/~bpucci/a-escola-e-a-semiformacao.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

ZUIN, Antônio. **A cultura digital, a semiformação e o novo elo pedagógico**. Interação (UFG. Impresso), v. 39, p. 1-14, 2014. Disponível em:
<<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/31705/16902>>. Acesso em: 29 mai. 2018.